



GILBERTO FREYRE – Os Portugueses nos Trópicos

Antonio Gomes da Costa

Na obra de Gilberto Freyre existem duas dimensões inovadoras e fascinantes. Uma delas é a revelação sociológica de um Brasil que ninguém, antes dele, interpretara de uma forma tão cuidada e tão labiríntica: o Brasil das intimidades e das simbioses, da “casa grande” e da senzala, dos sobrados e dos mocambos, das comidas e das rezas, dos costumes e dos segredos do quotidiano, da mestiçagem e dos quilombos. A segunda dimensão, interligada de certo modo à primeira, tem como objeto de estudo e a interpretação do comportamento do Homem português no espaço tropical – nos “trópicos húmidos,” e, naturalmente de seus descendentes e continuadores.

Enquanto na trilogia mais famosa de sua obra – que chama de introdução à história da sociedade patriarcal – Gilberto faz, pela primeira vez, uma abordagem que não se preocupa com os cortes transversais do passado, com os determinismos étnicos e geográficos ou com as relações de produção nos moldes marxistas, nem tampouco com as revoluções e as batalhas, os impérios e os heróis, as grandes roturas e os grandes movimentos sociais, para tratar preferencialmente dos aspectos e segredos do quotidiano, da privacidade dos senhores, das mucamas e das sinhás, da vida dos indígenas e dos escravos, numa espécie de abertura da *História das Mentalidades*, em seus trabalhos sobre a presença e a maneira de estar dos portugueses nos trópicos, Gilberto Freyre demonstra, com método e imaginação, como essa realidade ecológica e cultural levou ao aparecimento, a partir do século XV, de uma nova civilização.

Os livros *Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* condensam as observações colhidas em viagens à África e ao Oriente – e ao próprio Portugal europeu – e é em torno dessas observações que o Mestre

reúne e organiza elementos que configuram a nova ciência denominada de luso-tropicologia.

Num trabalho publicado em 1957 – Integração Portuguesa nos Trópicos – logo depois de ressaltar a importância da “experiência” como determinante do saber – “saber de experiência feito,” conforme o verso camoniano – o Mestre de Apipucos chama a atenção, para a espécie de “franciscanismo” que levou a gente lusitana a deixar a meseta da península e a buscar noutras partes do mundo e no contato permanente com outros povos as técnicas e os valores, que, uma vez assimilados, lhe vão permitir conviver e partilhar futuros com não europeus e submeter-se àquilo que Gilberto caracteriza como uma “crescente tropicalização.” É nos costumes e nos hábitos, é na comida e na roupa, é na higiene e na medicina, em tudo o português do trópico supera a sua condição étnica, altera suas técnicas agrícolas, ultrapassa conceitos jurídicos, abandona estilos europeus, renuncia a determinadas atitudes e princípios – e tropicaliza-se.

É claro que nesse processo de tropicalização o português não se limita a ser um agente passivo, a moldar o novo e a dissolver o velho, aceitando, como intruso e sem interferência, a ecologia, os elementos e os valores de outras civilizações. Ao contrário, ele vai transformar-se num incansável intermediário entre o trópico e a Europa, leva e traz produtos exóticos ou desconhecidos, introduz mudanças na economia, promove experiências na agricultura e na botânica, lança novidades no vestuário, modifica hábitos, enriquece aromas e paladares da cozinha e assim por diante.

Com a série de ensaios editada em 1960, sob o título *O Luso e o Trópico*, Gilberto Freyre procura atribuir um maior sentido de unidade aos estudos anteriores para sistematizar e dar uma expressão mais científica e mais plástica à luso-tropicologia. A essa altura, já tem no Brasil um sem-número de discípulos e seguidores e em Portugal, como é evidente, as teses de Gilberto, para além de seu conteúdo científico, são recebidas e estudadas com alvoroço e com um interesse extraordinário por parte de intelectuais famosos. Mas fóra do Brasil e de Portugal, também noutros países da Europa e dos Estados Unidos, em renomados centros universitários e acadêmicos, os trabalhos freirianos ganham repercussão, quer aqueles voltados para a reinterpretação do Brasil, quer os relacionados com a colonização e a presença portuguesa nos trópicos.

Estava definitivamente ultrapassada, em termos sociológicos, a idéia do antropólogo Bastian que viajando certa feita pela África encontrou em vários países fóra da lusofonia marcas vivas do domínio português. Entretanto, deparou-se no Congo com os eruditos do lugar que liam mal os livros em língua portuguesa introduzidos pelos navegadores lusitanos.

E deste pormenor o antropólogo alemão concluía que o sistema português de colonização e de ensino tinha sido um fracasso só porque, arrematava Gilberto ironicamente, não instruíam bem os nativos nas técnicas europeias de ler e de escrever. A verdade é que com a mestiçagem e os cruzamentos inter-raciais, com as trocas e a assimilação, com a tolerância pelas diferenças e a interpenetração de culturas, os portugueses deixaram de parte a obsessão de impor, inteiriços e puros, os valores europeus, como aconteceu com outros povos colonizadores que não se importavam com as contribuições dos indígenas ou dos negros. Sob esse aspecto, o português foi diferente e através de uma amorosa identificação, nem o trópico o degradou, nem tampouco foi por ele degradado. São palavras de Gilberto: fez sem desfazer; assimilou sem repudiar; tropicalizou-se sem deslusitanizar-se.

Ainda no mesmo livro, Gilberto recorda a conferência que pronunciou, em 1951, em Goa, quando definiu o conjunto de regiões tropicais e subtropicais que, apesar da descontinuidade geográfica e da distância, foram marcadas, ao correr do processo de expansão marítima, pela presença portuguesa. Nesse mundo que o português criou, destaca-se obviamente o Brasil. E é na *terra brasilis* que vai adaptar-se, em caldeamento permanente, onde tudo se funde e mistura, não apenas por conveniência e intuição, mas também, sublinha Gilberto, “por estudo, previsão e experimentação.”

Ao chegar ao trópico o português é como se tivesse regressado às terras de origem, desgarradas da Europa, para nelas construir um destino novo e messiânico. Não lhe corresse nas veias o sangue dos celtas e dos visigodos, dos fenícios e dos romanos, dos judeus, dos árabes e dos mouros. A Europa nunca lhe bastou e daí a busca de encontrar um “Novo Mundo” – e nele construir destinos.

Por causa dessa facilidade em adaptar-se à vida e às realidades dos trópicos, os portugueses eram vistos, no continente, como gente demasiadamente fácil em se deseuropeizar. O projeto atlântico poderia ser, de alguma forma, a reação à marginalidade do país na Europa. Mas Gilberto, para demonstrar que não era assim, vê já como verdadeiros precursores do tropicalismo, Camões, Garcia da Horta, Fernão Mendes Pinto e João de Barros.

Sob muitos aspectos podemos analisar a maneira de ser e de estar dos “portugueses nos trópicos:” os aspectos políticos e religiosos, os culturais e os científicos, os econômicos e os sociológicos, os psicológicos e os geográficos, os antropológicos e os linguísticos, os humanos e os genéticos. Em qualquer um desses aspectos, o lusitano teve um papel importante e provocador, tanto assim que mesmo naquelas regiões onde a sua presença foi mais curta, ou onde as mutações foram mais devastadoras, ainda permanecem traços e roteiros dessa permanência. Basta conferir com o

caso de Malaca. Apesar de os portugueses terem saído do território no século XVII, continua até hoje a falar-se ali o “papiá cristão,” no bairro dos pescadores, e encontram-se dezenas de sobrenomes portugueses nas famílias da cidade.

Mas é claro que em nenhuma outra região tropical as marcas, os gênes, as influências e os patrimônios podem ser comparados aos que ficaram no Brasil. Desde a formação da sociedade ao formato das instituições; da catequese à miscigenação; das técnicas de produzir aos costumes; das monoculturas ao latifúndio; do sagrado ao profano; da violência à conciliação; do sincretismo à tolerância – em tudo podemos sentir o *ethos lusitano*, mais próximo ou mais longínquo, mais forte ou mais brando, nos fluxos e refluxos do tempo.

Só no Brasil o homem português foi inteiro, a lembrar o verso pessoano; ou melhor, só aqui foi grande, o que não é de surpreender, pois, como escreveu Agostinho da Silva, a partir do século XVII muitos portugueses começaram a ver deste lado do Atlântico um “Portugal ideal,” projetado no tempo e no espaço, em contraposição ao “Portugal real.” E é ainda essa projeção que alimentará até meados deste século, no imaginário dos portugueses, dentro ou fóra do contexto do trópico, o sonho do Brasil.

Não era a colonização, mas já era a Diáspora dos emigrantes; não eram os fidalgos de linhagem, os funcionários da Coroa e os protegidos do rei, mas eram os jovens pobres da província; não eram os senhores de pendão, mas eram os trasmontanos de enxada, os minhotos sem quinta e sem leira, os beirões e os ilhéus sem trabalhar – todos vinham para o Brasil cumprir seus projetos de vida.